

Srta. Dias na Rua XV, de *Virginia Woolf*

Tradução de Guilherme Lunelli¹

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Isabela Wapenik²

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Miguel Martini³

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Apresentação

A tradução-adaptação desse conto foi realizada no segundo semestre de 2022 e apresentada como projeto de pesquisa no XII Seminário de Pesquisa em Letras (SEPEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O trabalho foi desenvolvido no contexto da disciplina “Estudos da Tradução e Ensino de Língua” como uma atividade prática resultante de um estudo teórico sobre tradução. O objetivo foi trazer a personagem e o conto de Woolf ao contexto de Curitiba, durante a pandemia, em 2022.

Srta. Dias na Rua XV. Um conto de *Virginia Woolf*

A senhorita Dias disse que ela mesma compraria a japona.⁴

Das torres da Catedral⁵ se ouviam as batidas quando ela pisou na Praça Tiradentes⁶. Os sinos marcavam o meio-dia e anunciavam o início da missa. O Centro era tão diferente

¹ Graduando em Letras: Inglês pela Universidade Tecnológico Federal do Paraná. E-mail: lunelli@alunos.utfpr.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7100-4853>

² Graduanda em Letras: Inglês pela Universidade Tecnológico Federal do Paraná. E-mail: isabelasantos.2021@alunos.utfpr. Orcid: <http://orcid.org/0009-0008-6338-4757>

³ Graduando em Letras pela Universidade Tecnológico Federal do Paraná. E-mail: miguelmartini@alunos.utfpr.edu.br. Orcid: <http://orcid.org/0009-0000-8615-0576>

⁴ (N.T.) Termo tipicamente curitibano que designa um casaco ou jaqueta mais espessa para dias muito frios.

⁵ (N.T.) A *Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais*, ou apenas Catedral de Curitiba, inaugurada em 1893, localiza-se na Praça Tiradentes (ver nota 4) na região do centro histórico de Curitiba.

⁶ (N.T.) Considerada o berço geográfico de Curitiba, as primeiras ocupações da área datam de 1693. Atualmente é um importante ponto turístico da rota histórica da cidade. Além de construções centenárias, abriga relíquias arqueológicas em exposição no solo.

ao meio-dia⁷, lotado, que até parecia que algum evento muito importante estava por acontecer. Havia algo especial na música e no balançar dos sinos, algo a mais se remexia no barulho das rodas, dos passos e dos vendedores ambulantes.

É claro que nem todos aqui tinham apenas afazeres prazerosos a desempenhar. Não poderão nos resumir apenas como pessoas que caminham pelo Largo da Ordem⁸. A própria Catedral não estaria nem em pé se não fossem pelos cuidados da FCC⁹ e seus arquitetos. Somente à Srta. Dias o momento trouxe plenitude; para ela junho era como uma novidade.

Ela teve uma infância feliz — não foi apenas às suas filhas que o Seu Júlio Pereira havia parecido um cara legal (apesar de ser fraco na Câmara de Vereadores); as árvores sem folhas e a fumaça saindo das bocas; o arrulhar das pombas vindo de baixo, rasgando o ar de junho — nada roubaria o lugar de sua infância. Um copo de quentão com gema-da¹⁰: ou aqueles pratos marrons da *Duralex*¹¹.

Mas que desgraçado, ela suspirou, e continuou, seguindo em frente. Quando você já estava quase chegando, seu diabinho! E ali ficou ela encarando a página inicial do aplicativo, no meio da calçada, enquanto Titi ria ao saber do ocorrido, em uma notificação no topo da tela.

Uma mulher muito charmosa, de postura, astuta, e com um cabelo estranhamente branco demais, mas que combinava com as pérolas em seu colar, mas então Stela Paes, membro da LSCC¹², a viu apressadamente entrar em seu escritório. A Srta. Dias se encolheu para esperar a van do Frischmann¹³ passar. O som dos sinos ia se afastando. A sua soberba a deixou ereta, rígida, porque já conhecera a disciplina e o sofrimento antes. Como as pessoas sofriam, como sofriam, pensou, enquanto vinha em sua mente a imagem

⁷ (N.T.) Refere-se ao contraste entre uma Curitiba agitada ao meio-dia e outra que costuma ser notoriamente deserta durante a noite.

⁸ (N.T.) Trecho do roteiro histórico de Curitiba que consiste em um longo passeio para pedestres com construções históricas dos dois lados. É uma das regiões mais antigas da cidade. Aos domingos de manhã, neste local, ocorre a famosa “Feirinha do Largo”, onde artesãos expõem e vendem seus trabalhos e os frequentadores podem provar várias comidas típicas.

⁹ (N.T.) Fundação Cultural de Curitiba. Órgão municipal com sede no bairro Rebouças, responsável pelas iniciativas culturais e a conservação dos patrimônios históricos da cidade.

¹⁰ (N.T.) Variedade da receita tradicional de quentão que acompanha gemas batidas com açúcar, muito popular no sul do Brasil.

¹¹ (N.T.) Marca de pratos e talheres muito utilizada entre gerações anteriores.

¹² (N.T.) Liga das Senhoras Católicas de Curitiba. Entidade filantrópica formada na década de 1950 por senhoras da elite curitibana que promovia agendas culturais na cidade. Atualmente se encarrega da administração do centro de exames DAPI.

¹³ (N.T.) Famoso laboratório de análises clínicas da cidade. Com frequência é possível ver suas vans circulando pelo Centro.

da Sra. Farias ornamentada de jóias na noite passada na embaixada da Ucrânia¹⁴, quase morrendo de ansiedade, porque seu filho havia morrido e agora a mansão no Jardim Social¹⁵ (a van do Frischmann passou) deveria ir para um primo.

“Bom dia!” disse Hugo, com um abraço forte demais, perto da loja de produtos naturais, porque se conheciam desde os dias em que brincavam juntos.

“Para onde você vai?”

“Como eu amo caminhar em Curitiba,” disse a Srta. Dias. “É muito melhor que caminhar naquelas terras de pó vermelho¹⁶”.

“Nós acabamos de chegar,” Hugo disse. “Infelizmente para ir ao médico”.

“Mili?” ela adivinhou, instantaneamente se compadecendo.

“Indo,” ele disse. “Essas ‘coisas de gente velha’, sabe? E o Rodolfo?”

“Está bem”, ela terminou.

Claro, pensou enquanto se afastava, Mili é da minha idade — quarenta ou quarenta e dois. Deve ser isso, o comportamento do Hugo já disse tudo — caro Hugo, a Srta. Dias pensou, se lembrando com carinho, gratidão e emoção, como ele sempre fora “tímido”, e como um irmão — eles preferiam morrer a conversar com os seus irmãos — ele sempre foi, quando ele estudava na UTFPR e veio visitá-la, e um deles não tinha passado no teste do DETRAN. Como então as mulheres teriam conseguido algum direito nos últimos cem anos, além de serem levadas às compras? Porque antigamente diziam que havia um instinto forte, algo dentro de cada uma, que você simplesmente não ignorava; nem adiantava tentar; os homens como Hugo já não acreditam nessas coisas, o que é algo que se deve reconhecer, pensou Clarice, no querido Hugo.

Passava pela Boca Maldita¹⁷ quando viu o Palácio Avenida¹⁸ no início da calçada, e os vendedores de pipoca. Todo o legado de Lerner¹⁹, sempre excêntrico, porém sublime, pensou a Srta. Dias, lembrando-se da Ópera de Arame²⁰ e de uma mulher com roupas estranhas num espetáculo que assistiu lá e de ser avisada pela sua babá que era muito feio ficar encarando. As janelas já estavam sendo decoradas, talvez houvesse

¹⁴ (N.T.) Considerando que no estado do Paraná existem inúmeras colônias de descendentes eslavos, principalmente Ucrânios, o filho da Sra. Farias teria ido lutar na guerra entre Rússia e Ucrânia. O conflito iniciado em fevereiro de 2022 permanece ativo até o momento da divulgação desta tradução.

¹⁵ (N.T.) Bairro de Curitiba famoso por suas mansões e casarões cuidados por famílias célebres da cidade.

¹⁶ (N.T.) Referência às áreas do interior do Paraná.

¹⁷ (N.T.) Área que designa um passeio para pedestres que inicia na Praça Osório e termina na Alameda Dr. Muricy.

¹⁸ (N.T.) Edifício em formato de L com inúmeras janelas. Inaugurado em 1929.

¹⁹ (N.T.) Prefeito de Curitiba por três vezes entre 1971 e 1993, responsável por grandes projetos de urbanização.

²⁰ (N.T.) Teatro circular suspenso, todo feito de aço. Foi inaugurado em uma das gestões de Lerner.

uma apresentação antes da época do natal.²¹ Talvez o atual prefeito estivesse ali. Rodolfo o encontrou no almoço um dia desses — um cara cínico demais. Finge se importar demais com os pobres e os profissionais da saúde.²² Uma estátua de bronze de um soldado se erguia heroicamente em um pedestal segurando um rifle na mão esquerda — a Guerra do Contestado. De fato ele não se importa, pensou ela, seguindo pela Boca Maldita. Como era imponente esta rua, a aura sombria do dia de inverno caía bem para ela. A ele lhe faltava caráter, ela pensou; algo que deveria ser nato de cada um; o que não só os brasileiros respeitam, o mundo todo. O prefeito foi aos abrigos de reabilitação, arrecadou dinheiro em eventos beneficentes — o prefeito de Curitiba — pensou, ainda detida, encarando o palácio. Um carro blindado saiu do palácio; alguns Guardas Municipais acenaram. Clarice, passando ao outro lado do calçadão, chegou na Praça Osório, e corrigiu sua postura.

Junho tinha despido todas as árvores, que já não passavam de gravetos vazios e ressecados. As mães curitibanas tinham certo receio de dar de mamar aos seus filhos em público; alguns homens se sentiam ofendidos. Muitos moradores de rua jaziam deitados próximos às portas das lojas; isso preocupava Clarice. Um idoso bem curvado recebeu um folheto sobre empréstimos consignados de aposentadoria, o amassou com força e o jogou fora. Não era fácil... Na noite anterior, na embaixada da Ucrânia, o senhor Dantas havia dito, “se eu quiser deixar o país, basta comprar uma passagem”. Mas a questão da moral era mais importante que a dos direitos humanos básicos, ele havia dito, o que ela pensou ser uma burrice vindo de alguém como o Sr. Dantas. “Ah, o país nunca vai saber a chance que perdeu”, se posicionando, sobre o resultado das eleições.²³

Ela seguiu em frente. O ar parecia pesado. Dava a impressão de que as antenas no topo da Torre da Telepar²⁴ transmitiam mais que apenas o sinal telefônico. O ar parecia estar sendo aquecido pelo tumulto, na Voluntários da Pátria e na Visconde de Nácar²⁵, em contraste com as folhas amassadas e molhadas no chão, uma mescla que Clarice odiava, na maioria das vezes, pois tudo parecia morto. Andar de bicicleta; dançar; ela já havia gostado de tudo isso. Ou de longas caminhadas no Parque Barigui para avistar capivaras, e para conversar sobre livros ou fofocar sobre a vida dos outros, mas os jovens atuais...

²¹ (N.T.) Todos os anos, durante o mês de dezembro ocorrem as apresentações do coral infantil de Curitiba nas janelas do Palácio Avenida. O movimento no prédio fez Clarice acreditar que haveria outro evento antes da época natalina.

²² (N.T.) Referência à desvalorização dos profissionais da saúde durante a pandemia, que recebiam congratulações pelos meios de comunicação mas nenhum reajuste salarial.

²³ (N.T.) O segundo turno das eleições presidenciais de 2022.

²⁴ (N.T.) Torre de sinal telefônico que pertencia a operadora Oi, localizada no bairro Mercês. Atualmente recebe diariamente muitos visitantes no mirante panorâmico que fica no seu topo.

²⁵ (N.T.) Voluntários da Pátria e Visconde de Nácar: ruas transversais à Rua XV de Novembro

Nem gostavam mais dessas coisas — eram tão soberbos, cada coisa que já haviam dito... Ainda tinham tanta convicção. Esta idade é um perigo. Mas as pessoas como o José²⁶ nunca saberão disso, pensou; porque nunca lhe ocorreu, nem sequer uma vez, como disseram, que ele estava morrendo. O luto foi banalizado²⁷ ultimamente, já não se pode lamentar — como havia sido? — a perda daquela cabeça recém-tornada grisalha... Do contágio da peste mundial...²⁸ Já haviam tomado seus copos... Do contágio da peste mundial! Novamente ajeitou sua postura.

Mas como João teria gritado! Citando Leminski²⁹, “Não discuto com o destino”,³⁰ ele teria dito. Ele odiava exageros. “Meu Deus, Clarice! Meu Deus, Clarice!” — ela podia ouvi-lo na festa do Castelo do Batel, reclamando da pobre Silvia Heckmann em seu colar de âmbar e sua velha peça de seda deselegante. Clarice se manteve ereta porque ela tinha falado em voz alta e agora estava na Galeria Tijuca, passando pelos centros comerciais de cor amarelo-queimado, pelas banquinhas com suas vitrines cheias de revistas, e lembrou-se das famosas fotografias da Dona Hermínia Lupion³¹ e seus ilustres convidados, e sua residência monumental agora sem suas pinturas; e do Johnscher, onde ela certamente se lembra que o Digo queria que ela deixasse seu número de telefone com o Junqueira ou ela iria embora. Curitibanos burgueses podem ser bem charmosos. Lá estava a Biblioteca Pública do Paraná³², com toda sua beleza imponente e seus detalhes impecáveis; e agora — tendo passado a Rua XV — ela estava perto de um sebo. O fluxo de pessoas era interminável, interminável. Meus Deus do céu, será que está tendo um Atletiba? Mas que boba, ela pensou, olhando para a capa de um livro de memórias estirado na vitrine, Alice Ruiz³³ ou Trevisan³⁴, provavelmente; astuta, clara, recatada — como sua Elizabeth — o único tipo real de garota. E lá estava aquele livro absurdo, *A História do Mundo Para Quem*

²⁶ (N.T.) Filho da Sra. Farias que morreu na Guerra da Ucrânia.

²⁷ (N.T.) Refere-se à pandemia de Covid-19, na qual as vidas da população brasileira foram negligenciadas.

²⁸ (N.T.) Covid-19.

²⁹ (N.T.) Paulo Leminski (1944-1989) foi um autor, poeta, escritor, professor, jornalista, publicitário, tradutor, músico, professor e crítico literário curitibano.

³⁰ (N.T.) “Não discuto”, poema de Paulo Leminski.

³¹ (N.T.) Hermínia Rolim Lupion, neta de Telêmaco Borba e esposa de Moisés Lupion, governador do Paraná nos anos de 1947-1951, ficando responsável, juntamente à seu marido, por realizar grandes festas no Castelo do Batel, sua residência na época.

³² (N.T.) Inaugurada em 1954, mas fundada em 1857 em outra localização, é uma das maiores bibliotecas do país. Conta com um acervo de mais de 730 mil unidades em diferentes mídias. No texto-fonte: *St. James Palace*.

³³ (N.T.) Alice Ruiz é uma poeta, haicasta, publicitária, letrista e tradutora curitibana, nascida em 1946, foi casada com Paulo Leminski. Possui mais de 20 livros publicados e ganhou o Prêmio Jabuti pelo livro *Dois em um*. No texto-fonte, *Sir Joshua*.

³⁴ (N.T.) Dalton Trevisan é um advogado e escritor curitibano, famoso pelos seus contos, principalmente pelo conto *O Vampiro de Curitiba* (1965), altamente premiado, possui quatro Prêmios Jabuti e um Prêmio Camões. No texto-fonte, *Romney*.

Tem Pressa, que o Titi costumava citar no jardim, e os Sonetos de Shakespeare³⁵. Ela os conhecia de cor e salteado. Felipe e ela discutiam o dia inteiro sobre a Dama Sombria³⁶, e o Ric dizia na lata na mesa de jantar que nunca tinha ouvido falar dela. Realmente, ela se casou com ele por causa disso! Ele nunca havia lido Shakespeare!³⁷ Deve ter um livro baratinho que ela poderia comprar para a Mili — *A Natureza da Mordida*, claro! Há algo mais encantador do que se aventurar em uma ficção buscando distração e acabar em uma jornada de introspecção profunda enquanto se chora copiosamente? Se as pessoas apenas pudessem entender esse nível de autoconsciência, aquele tipo de respeito próprio, agora pensou Clarice, porque ela se lembrou das vastas páginas; o final das frases, a personagem — como ela falava sobre tudo parecendo tão real. Porque todas as grandes coisas que uma pessoa deve passar, ela pensou. Da pandemia da Covid-19... Não tema mais a mudança do clima... E agora não posso nunca ficar de luto, nunca, ela repetiu, seus olhos fugindo da vitrine, porque ocorreu em sua mente o teste dos grandes poetas; os modernos sempre escrevem algo sobre a morte que todo mundo quer ler, ela pensou e se virou.

Ônibus se juntaram a carros, carros a vans, vans a táxis, táxis a carros — aqui tinha um conversível com uma garota sozinha. Até as quatro, com seus pés formigando, eu sei, pensou Clarice, a moça parecia abatida, meio adormecida, no canto do carro depois da balada. E outro carro veio, e outro. Não! Não! Não! Clarice sorriu naturalmente. A senhora cheinha teve todo tipo de problema, mas diamantes! Orquídeas! A essa hora da manhã?! Não! Não! O excelentíssimo policial iria, quando o tempo chegasse, levantar sua mão. Outro carro passou. Que desagradável! Por que um rapaz³⁸ como aquele usaria maquiagem preta nos olhos? E um homem, com uma menina, à essa hora, quando o interior — O policial levantou a mão e Clarice, entendendo o seu gesto, no seu tempo, atravessou a rua indo em direção a Rua XV, vendo os postes de luzes colocados à uma distância perfeita uns dos outros, sem os fios de luz para atrapalhar.

Centenas de anos atrás, seu tataravô, Sebastião Pereira, que fugiu com a filha do Costa, andou pela Rua XV. No final da Rua XV, os Pereiras andaram por cem anos, e

³⁵ (N.T.) 154 sonetos, publicados postumamente e reunidos em um compêndio que foi divulgado sem a autorização dos familiares. São considerados trabalhos muito pessoais de Shakespeare, pois neles existem interpretações controversas sobre alguns trechos (ver próxima nota).

³⁶ (N.T.) Personagem que aparece nos últimos 23 sonetos, de William Shakespeare, e em tese, teria sido um caso extraconjugal do autor.

³⁷ (N.T.) Optamos por manter Shakespeare nesta tradução ao invés de inserir um autor nacional para reafirmar um traço elitista da nossa personagem Clarice Dias. Clarice exclama: “Ele nunca havia lido Shakespeare!”, na realidade a maioria esmagadora da população brasileira nunca o leu.

³⁸ (N.T.) No texto-fonte, é uma menina que usa maquiagem exagerada e causa estranhamento. Na tradução, o gênero foi trocado tentando manter esse estranhamento, atual, que a sociedade tem em relação à maquiagem masculina.

talvez tenham conhecido os Dias (leia pelo lado da mãe) no meio dela. Seu pai comprava roupas na Loja Coelho³⁹. Lá havia diversas gravatas das mais variadas cores, e sapatos bem caros, assim como um gordo salmão rosa no gelo de uma peixaria. As abotoaduras eram incríveis, prateadas e douradas em formato oval, personalizadas, alemãs, ela pensou, e de ouro envelhecido; fivelas estreladas, pequenos broches que haviam sido usados em ternos azuis por senhores de chapéu fedora. Mas não de boa qualidade ou bem vistos! É preciso economizar. Ela passou por um artista ambulante, que estava pintado de prata e se apresentando por lá, imitando uma estátua e entretendo as crianças que não entendiam como uma estátua se mexia. Se você conviveu com artistas (e o mesmo serve para livros e música), pensou Clarice, passando pela loja Omar⁴⁰, você não pode ser enganado.

O fluxo da Rua XV estava congestionado. Lá, como uma rainha em um torneio, elevada, régia, estava a Senhora Bragança. Estava sentada em uma confeitaria, ereta, sozinha, olhando por trás de seus óculos escuros. Sua luvas brancas estavam do seu lado. Sua japona preta, bastante desgastada, ainda sim, pensou Clarice, como extraordinariamente conta, a educação e o respeito próprio, nunca dizendo demais ou as pessoas fofocariam, uma amiga surpreendente; ninguém poderia achar algum defeito nela depois de todos esses anos, e agora, lá está ela, pensou Clarice, passando a senhora que esperava anos, perfeitamente parada, e Clarice teria dado de tudo para ser como ela, a senhora do Batel, falando de política, como uma socióloga. Mas ela nunca ia a lugar algum, pensou Clarice, e é meio inútil perguntar a ela, o café ficou para trás e também a Senhora Bragança, nascida como uma rainha em um torneio, embora não tivesse mais motivos para viver e o seu velho homem estivesse caindo aos pedaços e que dissessem que ela estava cansada de tudo isso, pensou Clarice, e lágrimas subiram aos seus olhos enquanto ela entrava na loja.

Bom dia, disse Clarice, com sua voz encantadora. “Preciso de uma japona”, ela disse para aquela amizade exótica, colocando a bolsa no balcão, lentamente, para tirar a blusa. “Uma japona preta”, ela disse, “com capuz”, e olhou diretamente no rosto da vendedora — mas essa não era a menina que ela se recordava? Ela parecia tão velha. “Esta não serve”, disse Clarice. A atendente olhou-a. “A senhora faz exercícios?”, Clarice elevou a postura. “Talvez sejam os meus ombros um pouco largos”. A menina levou a japona com ela para o outro lado do balcão.

³⁹ *Coelho Artigo para Homens*, uma loja especializada em roupas masculinas, localizada no centro de Curitiba, próximo à Praça Osório, aberta nos anos 50 e em funcionamento até hoje.

⁴⁰ Loja de calçados altamente popular no Brasil, sempre presente nos mais diversos calçadões. No texto-fonte, *Aeolian Hall*, um salão onde diversos artistas se reuniam para se apresentar. Na tradução, os artistas de rua se apresentam em qualquer lugar que tenha um grande número de transeuntes.

Sim, pensou Clarice, se essa for a menina que me lembro, ela envelheceu uns vinte anos... Havia apenas outra cliente, sentada de lado no balcão com o cotovelo erguido e a mão caída; perdida; como uma dessas figuras orientais num leque japonês. Clarice pensou que talvez fosse perdida demais para que os homens gostassem dela. A mulher balançava a cabeça tristemente. Mais uma vez a japona não servia. Ela olhou pro relógio na parede de trás. “Ficou muito larga”, ela se reaproximou da mulher de cabelo grisalho, que olhou e concordou.

Elas esperaram; um relógio soou; a XV fervia, entorpecida, distante; a mulher levou a japona. “Ficou muito larga”, disse a outra cliente, se lamentando, aumentando a voz. E ela teria que encomendar mesas, salgados, flores, docinhos e guarda-volumes, pensou Clarice. Ela ficaria na porta. Eles vendiam meias — meias de seda. Uma mulher é conhecida por suas luvas e por seus sapatos, o velho Tio Giuliano costumava dizer. E por trás das meias de seda penduradas ela olhou para a mulher de ombros largados, a mão suspensa, a bolsa caindo, os olhos vagando pelo chão. Seria intolerável que mulheres cafonas fossem à festa dela. Será que as pessoas gostariam do Renato Russo se ele usasse saia? Ah, finalmente, ela deslizou até o balcão e um pensamento passou pela sua cabeça:

“Você se lembra que, antes da pandemia, você tinha jponas com bolsos internos?”

“As jponas da Alemanha, senhora?”

“Sim, elas eram alemãs”, disse Clarice. A outra cliente se levantou tristemente e levou sua bolsa, e olhou para as jponas no balcão. Mas todas eram demasiado largas — sempre muito largas nos ombros.

“Com bolsos internos”, disse a vendedora, que parecia tão mais velha. Ela anotou as medidas em um pedaço de papel à parte no balcão. Com bolsos internos, pensou Clarice, perfeitamente simples — tão alemão!

“A senhora é muito esbelta” disse a vendedora, desenhando as linhas firmemente, suavemente, pelos ombros e pelos braços. E Clarice olhou para seu braço pela lupa. As mangas dificilmente paravam nos pulsos. As outras eram sempre tamanhos maiores? Mas parecia cansativo incomodá-la no que talvez fosse o único dia do mês, pensou Clarice, quando é um infortúnio ficar de pé. “Ah, não se incomode”, ela disse. Mas a japona foi trazida.

“Você não fica terrivelmente cansada”, ela disse na voz encantadora, “de ficar em pé? Quando você tira férias?”

“Em setembro, senhora, quando o movimento não é tão grande.”

Quando nós estamos no sítio, pensou Clarice. Ou atirando. Ela alugara uma quinzena em São Luiz do Purunã⁴¹. Em uma pousada abafada. A proprietária levava açúcar.

⁴¹ (N.T.) Região serrana do Primeiro Planalto Paranaense.

Nada seria mais fácil do que enviá-la para Sra. Freitas direto no sítio (e isso estava na ponta da língua dela). Mas então lembrou-se que na sua lua de mel Rodolfo havia mostrado a folia que ela tinha de se comportar impulsivamente. Era muito mais importante, ele disse, conseguir comércio com a Colômbia. É claro que ele estava certo. E ela sentia que a moça parecia ser do tipo de que não gosta de receber as coisas assim. Ali ela estava em seu lugar. Assim como Rodolfo. Vender roupas era seu trabalho. Ela tinha seus próprios pesares bem distintos, “e agora não podem lamentar, as palavras corriam na cabeça dela. “Do contágio da peste mundial” pensou Clarice segurando o braço rijo, porque existem momentos onde se parece desagradavelmente fútil (a manga desenhada saiu do braço deixando um pouco de pó) — simplesmente, não se acredita, pensou Clarissa, mais em Deus.

O tráfego rugiu de repente; as meias de seda brilharam. Uma cliente entrou.

“Uma japona preta”, ela disse, com um tom na sua voz que Clarice reconhecia.

Costumava ser, pensou Clarice, tão simples. Descendo e descendo pelo ar veio o arrulho dos pombos. Quando Silvia morreu, séculos atrás, os canteiros de azaleias eram tão lindos com as teias de diamante na neblina antes de ir cedo para a igreja. Mas se Rodolfo fosse morrer amanhã, como que por acreditar em Deus — não, ela não deixaria as crianças escolherem, mas por si mesma, como a Senhora Bragança, que abriu o Bazar, eles dizem, com o mensagem em mãos — Rodrigo, seu preferido, assassinado — ela seguiria em frente.

Mas por que, se não se crê? Pelo bem dos outros, ela pensou tirando a japona dos braços. A menina ficaria muito mais descontente se ela não acreditasse.

“Trezentos e oitenta reais”, disse a vendedora. “Não, desculpe, senhora, Trezentos e noventa e cinco. As alemãs são mais caras”.

“Por que não se vive para si mesmo”, pensou Clarice.

E então a outra cliente pegou uma jaqueta, vestiu-a, e ela rasgou-se.

“Eita!” ela exclamou.

“Defeito de fábrica”, disse a mulher grisalha apressadamente. “Às vezes a costura falha. Prove essa, senhora.”

“Mas é um roubo cobrar a mais por isso.”

Clarice olhou para a mulher; a mulher olhou para Clarice.

“As roupas não são mais as mesmas depois da pandemia”, disse a vendedora, desculpando-se com Clarice.

Mas de onde ela conhecia essa mulher? — velha, com um babado de renda debaixo do queixo, usando um lenço preto e óculos dourados; sensual, esperta, como o retrato de um general. Como se pode perceber pela voz quando as pessoas estão acostumadas,

pensou Clarice, a fazer os outros — está um tanto apertada — obedecer. A vendedora saiu novamente. Clarice ficou esperando. “Não temas”, repetia. Havia algumas manchinhas em seu braço. E a menina vinha se arrastando. Embora tenha realizado sua tarefa mundana. Milhares de pessoas morreram para que as coisas continuassem. Finalmente! Medidas ajustadas no pulso, bolsos internos; quinze reais. Sua lesma, pensou Clarice, você acha que eu posso esperar aqui a manhã inteira? Agora vai levar meia hora para trazer meu troco.

Houve uma explosão violenta na rua. As mulheres na loja se acovardaram atrás do balcão. Mas Clarice, sentada reta, sorriu para a outra mulher. “Senhora Amorim!”, ela exclamou.